

Uma experiência fundada na História

A Rota do Românico, que hoje congrega 58 monumentos em 12 municípios, é um caso único de sucesso na gestão patrimonial, não só a nível nacional, mas também peninsular.

Textos de **Rosário Correia Machado**
Diretora da Rota do Românico



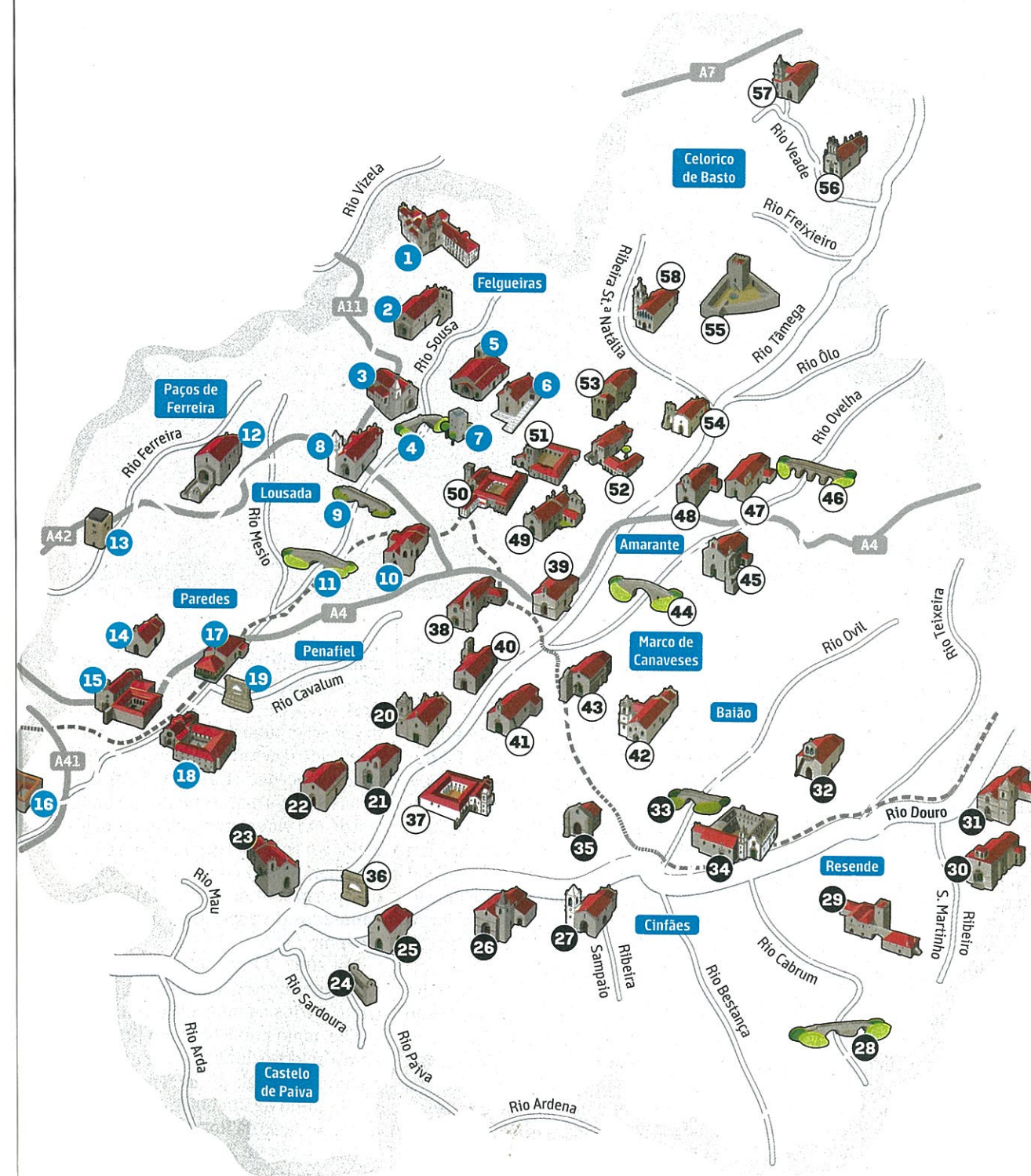
052

Em terras dos vales do Sousa, do Douro e do Tâmega ergue-se um importante património arquitetónico de origem românica. A sua riqueza e singularidade estiveram na génese do projeto da Rota do Românico, um itinerário estruturado que leva os visitantes à descoberta de mais de meia centena de elementos patrimoniais, desde mosteiros, igrejas, capelas, memoriais, castelos, torres e pontes, edificados sobretudo entre os séculos XII e XIV, intimamente ligados à fundação da nacionalidade portuguesa e, também, testemunhos do papel relevante que este território desempenhou na história da nobreza e das ordens religiosas em Portugal.

Desde a gênese, em 1998, a Rota do Românico assume-se como um projeto público de cariz supramunicipal, que visa contribuir para o desenvolvimento integrado e sustentado de toda a região, fomentando a competitividade, a coesão e a identidade territoriais, numa ótica de qualificação e de valorização económica de um conjunto de recursos endógenos distintivos – o

denso e rico patrimônio edificado e intangível deste território. Ancorada num conjunto de monumentos de grande valor e de excepcionais particularidades, esta rota pretende assumir um papel de excelência no âmbito do *touring* cultural, capaz de posicionar a região como um destino de referência do românico nacional.

A melhoria da qualidade ambiental e da reestruturação física do território, protegendo-o e impulsionando o seu correto reordenamento, através do planeamento turístico dos recursos, das infraestruturas de suporte e das facilidades de apoio turísticas; o desenvolvimento de uma nova fileira produtiva, associada ao turismo e com forte potencial de dinamização de atividades conexas, passível de compensar a tradicional monodependência industrial da região; a dinamização de cursos e ações de formação que contribuam para a formação dos profissionais do turismo e de atividades associadas, que facilitem o aumento da empregabilidade qualificada; a melhoria



053

Centro de Interpretação
do Românico, em Lousada,
edifício vanguardista de inspiração
medieval onde funcionam
os serviços técnicos da Rota



054

da imagem, interna e externa, da região onde se insere, reforçando a autoestima coletiva. Assim se enumeram alguns dos mais importantes objetivos da Rota do Românico.

Como nasce o projeto

Em 1998, foram selecionados 21 monumentos dos seis municípios (Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel) que compõem a VALSOUSA – Associação dos Municípios do Vale do Sousa, e em 2003, no âmbito dos cofinanciamentos europeus, deu-se início ao desenvolvimento concreto do projeto, através de ações de conservação e valorização de monumentos previamente selecionados. Além da componente infraestrutural, entendeu-se que o plano de ação da Rota do Românico deveria incluir uma componente imaterial, que permitisse elaborar materiais de informa-

ção e promoção do património românico da região.

Ainda antes da apresentação pública da Rota do Românico, que viria a ocorrer a 18 de abril de 2008, foi desenvolvido um conjunto de materiais de comunicação, entre eles uma publicação científica, um guia turístico, uma brochura, um vídeo promocional, um mapa de bolso, um sítio na internet (www.rotadoromânico.com) e uma linha de “merchandising”. Foram instalados painéis informativos bilingues com informação histórica, arquitetónica e geográfica em todos os monumentos da Rota do Românico, assim como o sistema de sinalização turística e cultural em toda a rede viária da região.

Perante o imperativo de cidadania de promover a mobilidade e a acessibilidade para todos, tem sido desenvolvido, desde 2008, o Plano de Promoção da Acessibilidade da Rota do Ro-

mânico, identificadas as necessidades de intervenção nos monumentos, nas suas envolventes e nos acessos aos transportes públicos. No âmbito da comunicação acessível e da infoacessibilidade, procedeu-se à produção de materiais de informação em escrita braille e de um vídeo promocional com legendagem e língua gestual, bem como à implementação de uma ferramenta que permite uma versão falada dos conteúdos do nosso sítio da internet em tempo real.

Em 2008, a Rota do Românico iniciou um processo de concertação entre os vários agentes económicos da região, tanto públicos como privados, com o objetivo de apresentar uma verdadeira estratégia de eficiência coletiva em torno de um objetivo comum – a dinamização da Rota do Românico.

Em março de 2010, os municípios de Amarante, Baião, Celorico de Bas-

Em Felgueiras, o mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, que esteve quase ao abandono, tornou-se um dos símbolos maiores da ação da Rota do Românico



055

to, Cinfães, Marco de Canaveses e Resende firmaram um protocolo de adesão à Rota do Românico. O processo de seleção do património de origem românica desses municípios culminou na integração de 34 elementos patrimoniais, localizados no Baixo Tâmega/Douro Sul, e de mais três no Vale do Sousa, sendo a Rota do Românico atualmente composta por 58 monumentos.

Conservação e salvaguarda

No âmbito do alargamento da Rota do Românico e como consequência do diagnóstico prévio elaborado para todos os monumentos, definiu-se como princípio metodológico que as intervenções deveriam incidir prioritariamente na conservação do património edificado e no património móvel como parte integrante do conjunto. Assim, os projetos dariam prioridade à salubri-

dade dos edifícios e à sua estabilidade estrutural, bem como à conservação de coberturas, de madeiramentos, de alvenarias autoportantes e dos bens móveis que integram o edificado, tais como pintura mural, madeiras policromadas, azulejaria, entre outras.

Como exceção a um grande conjunto de monumentos em que a conservação é dominante, verificaram-se e verificam-se situações em que os bens patrimoniais acusam um profundo estado de ruína. Nestes casos, a decisão tem passado pela avaliação do significado do bem patrimonial, das suas relações afetivas e do imaginário das populações próximas, optando-se por integrar esses afetos na reabilitação dos bens, em detrimento da manutenção e conservação da ruína. Estas intervenções têm por normativa, no desenvolvimento do projeto, o recurso, sempre que possível, a mate-

riais e técnicas tradicionais, não recusando a linguagem contemporânea do desenho arquitetónico.

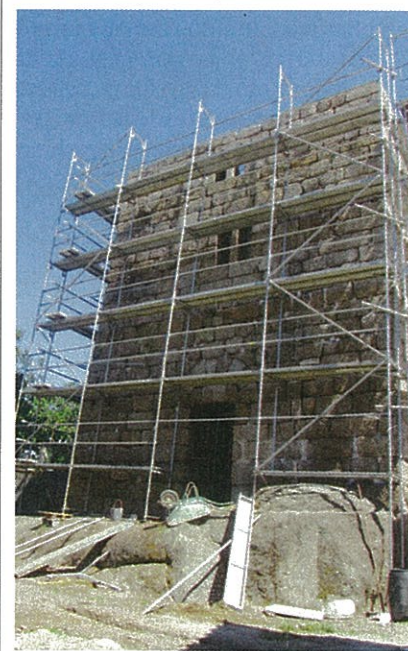
Para a avaliação dos resultados atingidos, embora com as restrições financeiras inerentes ao projeto, há que ter em conta as relações afetivas e emocionais das populações locais perante o objeto patrimonial. Nesse sentido, o comportamento emocional destas foi e é francamente positivo, tendo contribuído para a sua autoestima e assumindo-se elas próprias como responsáveis pela manutenção e guarda do património. Concretiza-se, assim, o princípio nuclear da salvaguarda dos bens patrimoniais como sendo os elementos constitutivos de identidade que dão sentido à vida, seja no plano local, regional ou nacional. Ora, conjugando esta mais-valia do envolvimento das populações locais, o objetivo estratégico é que este

A Torre de Vilar
(secs. XIII-XIV), em
Lousada, é um
exemplo de *domus*
fortis, residência
senhorial fortificada,
imóvel de interesse
público desde 1978

património seja vivido pelas comunidades como parte integrante das suas vivências e práticas quotidianas, fator fundamental para a sua manutenção. Só atingiremos os nossos objetivos se o envolvimento da população se mantiver vivo, permanente, e for partilhado pelas gerações atuais e futuras.

Acresce a este parâmetro o contributo para a qualificação do território quando se atua salvaguardando os bens patrimoniais e a sua paisagem envolvente. A conjugação destes dois aspetos – o envolvimento da população e a qualificação do território – já tem impacto na tomada de decisão dos poderes públicos que gerem o território, bem como na interiorização de modelos de referências pelas populações locais.

A avaliação do valor da Rota do Românico nas políticas e práticas para a salvaguarda do património tem sido sustentada no entendimento de que este não é um objeto isolado para contemplação, mas um conjunto de bens patrimoniais associados e intrinsecamente interligados no território e às populações que o vivem e ao qual em primeira instância pertencem. Acresce a isto o facto de a salvaguarda dos bens dever entender-se enquanto cruzamento do físico, o construído, com o significado que lhe está associado pelas gentes, o intangível. Foi este princípio que balizou e baliza as intervenções levadas a cabo no património da



Aspeto da Torre
dos Alcoforados, no
concelho de Paredes,
quando estava a ser
reabilitada sob a
égide da Rota do
Românico

Rota do Românico, que obviamente tiveram sempre presentes as recomendações espelhadas nas cartas e convenções internacionais.

A conservação, salvaguarda e valorização do património assume-se, desde a sua origem, como uma das prioridades máximas da Rota do Românico. Ao todo, desde 2003, foram intervencionados 42 monumentos, sendo que alguns deles tiveram mais do que uma fase de trabalhos, tanto ao nível do património edificado, como do património móvel e integrado. Todavia, embora essa vertente de qualificação seja fundamental, a Rota do Românico não se esgota aí e, desde 2004, têm vindo a ser desenvolvidas outras componentes consideradas cruciais para a sua dinamização.

Mexer com as comunidades

Uma importante aposta da Rota do Românico tem passado pela divulgação do projeto junto da comunidade local, visando o crescente envolvimento das pessoas no projeto. Deste modo, a dinamização de atividades lúdico-pedagógicas pelo Serviço Educativo, junto da comunidade escolar, assume um caráter fundamental. Desde o ano letivo 2011/12 que vários estabelecimentos de ensino do Tâmega e Sousa têm acolhido o projeto pedagógico. A adesão cresce ano após ano.

Em 2014 ganhou forma uma das grandes apostas ligadas à dinamização

cultural do projeto e do território, com o desenvolvimento de um programa cultural, intitulado “Palcos do Românico”, em que os monumentos da Rota foram os palcos principais, em articulação com os equipamentos culturais existentes no território. Nos 12 municípios da Rota do Românico, realizaram-se mais de 200 eventos, entre teatro, música, dança, exposições, oficinas, etc., envolvendo mais de 50 agentes culturais profissionais nacionais e 12 da região, 1800 participantes da comunidade local e mais de 20 mil espectadores.

O Centro de Estudos do Românico e do Território, dinamizado pela Rota do Românico, tem igualmente vindo a desempenhar um papel crucial na produção e disseminação de conhecimento, que se traduziu já na edição de diversas publicações dirigidas a um público cada vez mais abrangente. A par da linha editorial, o Centro de Estudos criou, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, uma pequena biblioteca temática, bem como a Comissão Científica constituída por um conjunto de membros de reconhecimento nacional nas várias áreas do conhecimento que cruzam a Rota do Românico.

A Rota como produto turístico

Em 2004, após o estudo do Plano de Ação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico, que res-

"Palcos do românico"
fez dos monumentos
equipamentos culturais

Serviço educativo
é prioritário no envolvimento
das comunidades



pondeu a um conjunto de dúvidas de partida, iniciou-se a estruturação, assumindo a relação fundamental entre património histórico e território, do produto de *touring* cultural organizado e com capacidade de atração. O reforço da vertente turística do produto, com a dinamização de programas de visita estruturados, dirigidos aos mercados nacional e internacional, e que se têm traduzido numa crescente procura por parte de visitantes e turistas, tem sido igualmente um dos focos do projeto. Aliás, desde 2008 que a Rota do Românico tem vindo a assumir como prioridade a participação não só em feiras e exposições locais e regionais promovidas por entidades do território onde está inserida, como também a nível nacional e internacional, marcando presença nas mais importantes e conceituadas feiras do setor, como a ITB Berlim, na Alemanha, a FITUR – Feira Internacional de Turismo, em Espanha, a AR&PA – Bienal do Restauro e Gestão do Património, também em Espanha, e a BTL – Bolsa de Turismo de Lisboa, encarando essas presenças como um instrumento fundamental para que a Rota se projete junto dos principais mercados emissores e, assim, integre os circuitos turísticos comerciais.

Neste âmbito, a Rota do Românico tem potenciado as receitas realizadas nos tecidos turísticos locais, uma vez que tem permitido, de forma direta ou indireta, o aparecimento ou cres-

cimento de um conjunto alargado de atividades e negócios, geradores de receitas, emprego e notoriedade para a região, com destaque para as unidades de alojamento de qualidade superior, de restauração, de empresas de animação turística, de roteiros turísticos temáticos e de unidades museológicas.

A inovação do trabalho em rede e a necessidade de avaliação e monitorização levou à criação de um sistema de monitorização da Rota do Românico integrado num sistema maior, o qual integra o Selo de Qualidade.

A par disto, a adesão, em 2009, à TRANSROMANICA, a maior rede de locais e itinerários românicos da Europa, considerada um Itinerário Cultural do Conselho da Europa, é demonstrativa da aposta no trabalho em parceria e na internacionalização do projeto.

A importância de comunicar

Assumida por todos a máxima de que o que não é conhecido não existe, comunicar assume um papel crucial na Rota do Românico. A importância das novas ferramentas tecnológicas tem

OLHAR ABRANGENTE, MAS INTEGRADOR, SOBRE O PATRIMÓNIO É UM DOS DESAFIOS DA ATUALIDADE

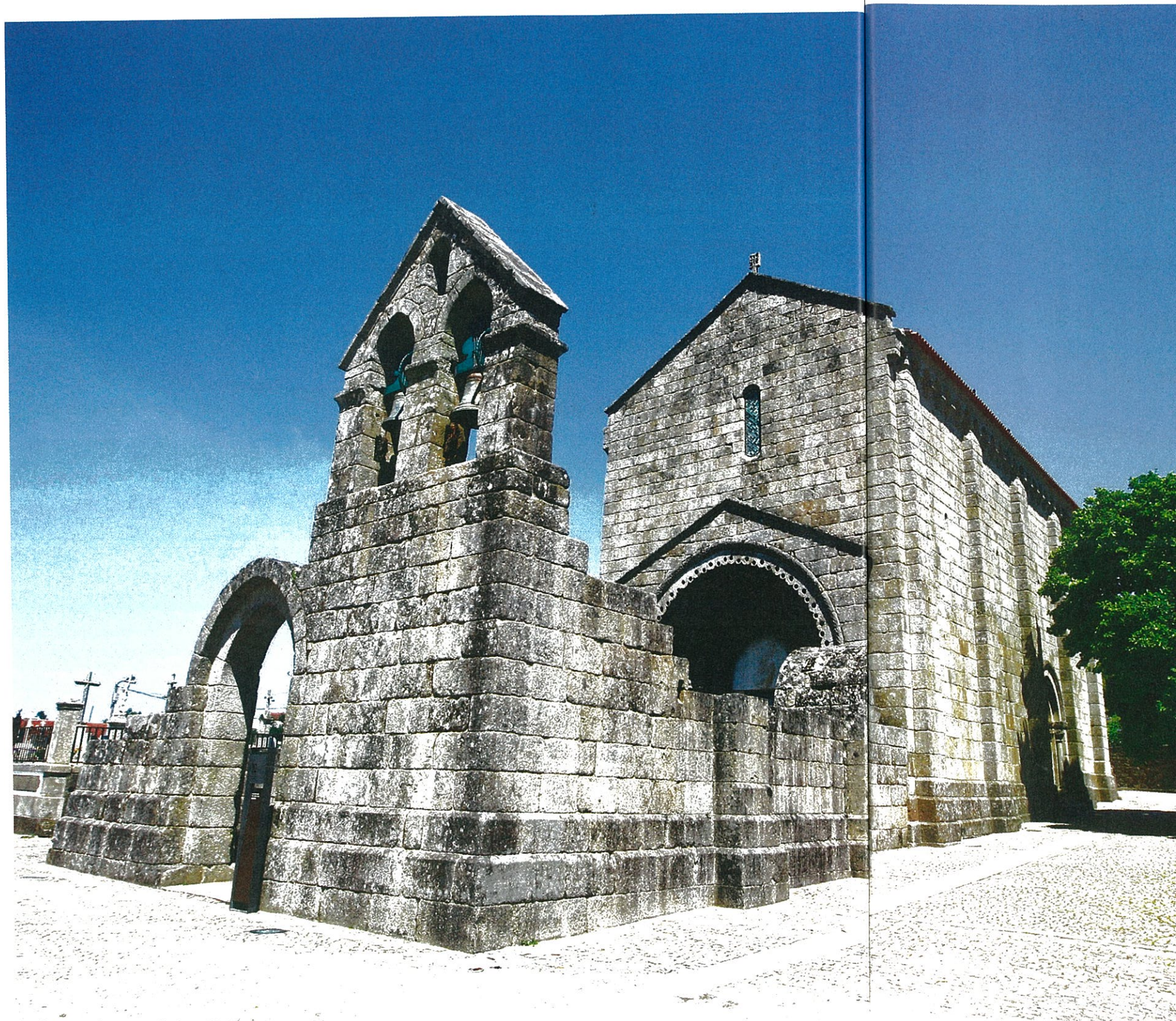
sido reconhecida, e um sítio da internet cada vez mais interativo, incluindo visitas virtuais aos monumentos, bem como uma aplicação *mobile* para telemóvel e tablet, são apenas alguns dos instrumentos que procuram auxiliar o planeamento e a fruição da visita à Rota do Românico.

Assim, vestígios herdados, resultado de uma memória coletiva e de uma identidade, o património, neste caso o românico, afirma-se como um recurso insubstituível e propulsor de dinâmicas locais, regionais e nacionais. A sua proteção, valorização e uso, seja com objetivos sociais, científicos ou didáticos, devem perfilar-se como paradigma central das estratégias de desenvolvimento de um território.

O olhar abrangente, mas integrador, sobre o património é um dos permanentes desafios da atualidade. Encontrar fórmulas certas para conjugar a preservação do património, a sua memória e a identidade, tendo em conta aspetos fundamentais, como a integridade e a autenticidade, é sem dúvida um processo complexo. A gestão assume um papel de destaque e de diferenciação, já que a destruição e o desaparecimento do património no seu todo constitui, sem dúvida, um ponto de não chegada, pois a linha de memória será perdida no tempo e isso será avassalador para a humanidade. Quem não tem memória não existe na sua integridade plena.



Mosteiro de Ferreira,
um dos muitos
monumentos emblemáticos
da Rota do Românico



O património como fator de desenvolvimento

Em 1998 arranca um processo de desenvolvimento sustentado. Da articulação entre entidades nasce a decisão de inventariar os elementos patrimoniais românicos no Vale do Sousa e, em 2006, no Baixo Tâmega e no Douro Sul. Em 2010, a Rota do Românico é alargada a 58 elementos patrimoniais, unidos em rede e dinamizados numa rota turística estruturada. Desde 2003, a área da conservação e salvaguarda tem assumido papel fundamental na preservação de uma herança ancestral. A Rota atua na dinamização turística e cultural, da produção e disseminação de conhecimento ao envolvimento da comunidade.

Património tem uma raiz etimológica ligada à estrutura de família: o que o pai (*"pater"*) deixa ao filho. Na lógica do património histórico, o que se herda (físico e imaterial) da ação humana ao longo dos tempos. Como Francoise Choay refere, o património histórico expressa um bem que se destina ao usufruto de uma comunidade e que assumiu uma dimensão maior. Subtilmente, os conceitos de monumento e de património convergiram. Hoje, a questão é consensual, mesmo sabendo-se que, ao longo dos tempos, nos documentos de referência (do ICOMOS e da UNESCO) e em diplomas legislativos houve indefinição. A Convenção Mundial do Património considera monumento as obras arquitetónicas, trabalhos de escultura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, habitações rupestres e combinações de estilos que sejam de valor universal incalculável do ponto de vista histórico, artístico e científico. Hoje temos uma realidade vasta: património natural, cultural e, mais recentemente, imaterial. Além do valor do bem patrimonial, o edifício, este está associado, na maioria dos casos, a um conjunto de bens patrimoniais móveis de valor histórico-artístico incalculável, não só no sentido restrito do económico, mas especialmente dos valores simbólico e de pertença. Com o desenvolvimento do turismo e das rotas em torno do edificado, o património cultural acrescenta à sua natureza um novo uso, o da visita e da experiência visual.

A luta de afirmação dos territórios, numa lógica de desenvolvimento local e/ou regional, é operacionalizada através de um instrumento económico complexo que resulta da atração de fluxos de visitantes, e o turismo cultural surge como um dos eixos principais dessas estratégias das políticas públicas. O uso dos espaços pelas comunidades de pertença passa a assumir novas função e capacidade de atração. Assim, devemos conjugar um conjunto de ideias fundamentais: herança, pertença, identidade, memória. As identidades são construídas de memória, e o património é o elemento que transporta essa carga genética.

Importa nortear a conservação e a promoção de importantes legados patrimoniais com o cuidado próprio de quem se responsabiliza por os fazer perdurar para as gerações futuras. A transmissão de geração em geração deve integrar a leitura do elemento patrimonial como uma "enciclopédia de arte", ou seja, como o resultado das transformações que a humanidade lhe vai acrescentando. Assim testemunham as marcas identitárias, expressas em criações e formas de apropriação do espaço pelo Homem, reveladoras de valores, modos de vida e experiências das comunidades que o construíram, habitaram e vivenciaram.